

30
Anos

Ano XXIX - Vol. XXIX - (1): Janeiro/Dezembro - 2025

CIÊNCIA
Geográfica
ISSN Online: 2675-5122 • ISSN-L: 1413-7461
www.agbauru.org.br


DOI: <https://doi.org/10.18817/26755122.29.1.2025.4189>

NAVEGANDO ENTRE PALAVRAS: CAMINHOS ENTRE RIOS, GEOGRAFIAS E LITERATURAS

NAVIGATING BETWEEN WORDS: PATHWAYS
THROUGH RIVERS, GEOGRAPHIES, AND LITERATURES

NAVEGANDO ENTRE PALABRAS: CAMINOS
ENTRE RÍOS, GEOGRAFÍAS Y LITERATURAS

Debora Raquel Cavalcante Figueiredo¹

 0009-0002-8248-8216

profadeboraraquel@gmail.com

¹ Licenciada em Geografia pela Universidade Estadual do Ceará. Mestranda em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Ceará. ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-8248-8216>. Email: profadeboraraquel@gmail.com.

Artigo recebido em outubro de 2024 e aceito para publicação em abril de 2025.



RESUMO: Os rios têm sido, desde muito antes de nós, protagonistas importantes na história do mundo, percorrendo territórios e atravessando as vidas daqueles que de suas águas dependem. Essas águas, que despertam fascínio em quem se propõe a estudá-las, são responsáveis por encantar o imaginário. Propomos, então, navegar neste texto por meio de palavras literárias, fazendo uma viagem ao mundo da geografia literária dos rios à luz da geopoética. O objetivo é adentrar os rios que percorrem o imaginário dos escritos. Para isso, escolhemos, com base em uma revisão bibliográfica, mergulhar nos textos dos escritores Mia Couto, João Cabral de Melo Neto e Luciano Maia. Cada um deles traz contextos e territórios distintos, que se entrecruzam pelas suas relações com os rios. Assim como o rio, que é imagem da vida, há sempre novos caminhos a serem percorridos em direção ao mar do conhecimento.

Palavras-chave: Rios. Geografia Literária. Geopoética.

ABSTRACT: Rivers have been, long before us, important protagonists in the history of the world, traversing territories and flowing through the lives of those who depended on their waters. These waters, which awaken fascination in those who study them, are responsible for enchanting the imagination. We propose, therefore, to navigate this text through literary words, embarking on a journey into the literary geography of rivers through the lens of geopoetics. The objective is to enter the rivers that flow through the imagination of written works. For this, we chose, based on a bibliographic review, to dive into the texts of writers Mia Couto, João Cabral de Melo Neto, and Luciano Maia. Each one brings distinct contexts and territories, which intersect through their relationships with rivers. Just like the river, which is a symbol of life, there are always new paths to follow towards the sea of knowledge.

Keywords: Rivers. Literary Geography. Geopoetics.

RESUMEN: Los ríos han sido, desde mucho antes que nosotros, protagonistas importantes en la historia del mundo, recorriendo territorios y atravesando las vidas de aquellos que dependieron de sus aguas. Estas aguas, que despiertan fascinación en quienes se proponen estudiarlas, son responsables de encantar el imaginario. Proponemos, entonces, navegar este texto a través de palabras literarias, emprendiendo un viaje al mundo de la geografía literaria de los ríos a la luz de la geopoética. El objetivo es adentrarse en los ríos que recorren el imaginario de los escritos. Para ello, elegimos, basándonos en una revisión bibliográfica, sumergirnos en los textos de los escritores Mia Couto, João Cabral de Melo Neto y Luciano Maia. Cada uno trae consigo contextos y territorios distintos, que se entrecruzan por sus relaciones con los ríos. Al igual que el río, que es imagen de la vida, siempre hay nuevos caminos por recorrer hacia el mar del conocimiento.

Palabras clave: Ríos. Geografía Literaria. Geopoética.

SOBRE NASCENTES E FERVEDOUROS. O RIO INICIA AQUI

O rio é um mar de signos. É preciso desvendá-lo.
(Souza Neto, 1997, p. 63)

Os rios têm sido, muito antes de nós, seres humanos, entidades que percorrem os territórios do mundo. Eles estão presentes na origem da agricultura e na forma de como o ser humano permaneceu sedentário em seus espaços de convivência (Souza Neto, 1997). As águas desses rios, responsáveis por percorrer o imaginário daqueles que convivem próximos e daqueles que se aproximam por meio de obras literárias, são os grandes protagonistas deste texto, invadindo, de início, como um fio d'água e fluindo ao longo da escrita, ganhando forma e volume.

Para que esse caminho fosse feito, esse percurso se interessou em descortinar o geográfico, por via de um olhar geopoético, que meandra na literatura dos rios. Esse interesse, que promove o encontro entre a geografia e a arte, revela-nos a possibilidade de enxergar para além do visível. Essas novas perspectivas encontram, na geografia humanista, uma nova forma de visualizar o ser humano em suas dimensões simbólicas e singulares.

Diante dessa geografia literária, entendemos que, através dela, uma pluralidade de possibilidades se abre para entender as espacializações daqueles que escrevem e também reescrevem suas geografias pessoais. Logo, a maneira como são organizadas as formas espaciais, todo o processo que envolve questões históricas, os ambientes físicos e a sua própria geograficidade, revelará nos textos as vivências que nos guiarão igualmente por esse caminho (Cavalcante, 2019).

Dessa maneira, para que ocorra, de fato, o encontro entre palavras e rios, buscaremos nas obras de escritores, uma geografia literária dos rios. Por meio dela, veremos como os rios, de forma distinta entre os textos, cabem em suas geografias pessoais e como essas estão imersas em suas obras, fazendo parte do imaginário do lugar e promovendo novos pontos de vista para esses rios.

Partindo dessa ideia, traremos em relevo os textos pertencentes a três escritores: Mia Couto, escritor e biólogo moçambicano; João Cabral de Melo Neto, escritor pernambucano; e, por fim, o poeta cearense Luciano Maia, com sua poética jaguaribana. A escolha dos textos parte do compartilhamento da vivência com os rios. Cada um, a partir de seu próprio lugar e de suas experiências com a palavra escrita, nos oferece uma perspectiva geral em que o rio permeia os escritos e o particular a partir da leitura que cada um faz de seus rios.

Assim, se os rios são mares de signos, como dito por Souza Neto (1997), é possível que, diante das revelações dos rios que serão narrados, se abram múltiplas possibilidades diante de outros rios pelo mundo. Isso nos sugere que o reconhecimento dessas obras ainda é uma nascente – um início – e que seu caminho é longo até o seu destino – a foz.

FLUINDO AO ENCONTRO DE UMA GEOGRAFIA LITERÁRIA

A ciência e a arte são como margens de um mesmo rio.
(Mia Couto, 2011, p. 60)

Como podemos imaginar, encontros entre ciência e arte, esferas que por tanto tempo pareciam estar em extremos opostos, sem se tocar e compartilhar caminhos, um dia se entrelaçaram e agora podem traçar trajetórias juntas. Com um olhar sensível e na tentativa de desmistificar como esses encontros são possíveis, as artes se atravessam, correm e fluem nesse meio enrijecido e, às vezes, limitante, no qual o científico do *logos* ocidental se estrutura.

Pensando sobre esses movimentos, a geografia, enquanto ciência, por muito tempo também se manteve nessa perspectiva rígida. Como menciona Couto (2011, p. 59): “um dos princípios que nos guiam estabelece que as ciências se ocupam de verdades e não de beleza”. Com essa ideia enrijecida, a ciência geográfica foi, durante anos, vista sem possibilidades de abertura, sem caminhar junto a outras expressões humanas e artísticas, que não necessariamente comprometeriam sua cientificidade.

Nesses caminhos, a geografia humanista chega e promove essa ampla visão, dando oportunidade para a imaginação, as percepções, os sentimentos e tudo aquilo que envolve o sujeito em sua inteireza. Essa beleza que agora ganha visibilidade também faz parte de entender as geografias, assim no plural, como demonstração de sua riqueza (Tuan, 2012).

A geografia literária, nesse contexto, toma o mesmo caminho de desenvolvimento que as ciências humanas e sociais. De acordo com Collot (2012), em solos franceses é que a geografia literária surgiu, datando ainda do início do século XX, marcada pelos estudos que relacionam as obras literárias aos seus lugares de origem, numa busca por saber onde essas obras foram produzidas e quais são suas inspirações geográficas.

Para essa inicial aproximação, a geografia literária desse período, como, por exemplo, a elaborada por André Ferré, em *Geographie de Marcel Proust*, de 1946, ainda promovia um caráter comparativo dos lugares vividos pelo autor com os lugares presentes em sua obra (Cavalcante, 2019; Collot, 2012). A partir dessa obra, muitos outros trabalhos e pesquisas na área foram sendo desvelados e escritos nos anos seguintes.

Esse encontro, um tanto quanto poético, entre geografia e literatura, inscreve-se e é desenvolvido com mais vigor pela geografia humanista, nos anos de 1970 (Collot, 2012). Esse humanismo, inclusive, pode ser visto como uma reação aos processos que marcaram esse período, em que o meio técnico se fazia crescente. As humanidades, nesse contexto, nadavam em correntes contrárias, privilegiando aquilo que parecia estar adormecido em meio ao fluxo da globalização, como as próprias subjetividades e sensibilidades da dimensão humana, bem como dito por Mia Couto (2011, p. 58);

A ciência e a literatura podem pôr em causa as ideias arrumadas que apresentam a terra, a vida e o ambiente como entidades feitas, exteriores ao homem. Tanto a terra como a vida são produções contínuas, são redes de interações feitas de inacabados processos, de irresolúveis desequilíbrios (Couto, 2011, p. 58).

Esse encontro que acontece entre o científico e a literatura, como dito por Mia Couto, promove novas formas de pensar essas ideias firmadas que nos são impostas sobre as experiências geográficas que temos do/no mundo. O próprio processo de se viver possibilita múltiplas interações e constantes movimentos, e é nesses movimentos entre os sujeitos, os lugares e suas criações artísticas que a geografia literária se insere, achando o seu lugar.

Por meio dos escritos literários, ocorre um envolvimento que promove aos geógrafos um grande encontro com os escritores e suas vivências com os lugares e paisagens, trazendo novas maneiras de

enxergar geograficidades, aquilo que Dardel (2011) entendeu como a geografia em ato, que envolve o nosso cotidiano, a nossa experiência, e as formas como nos relacionamos com a terra.

Para que o encontro entre geografia e literatura ocorra, tudo aquilo que vem antes desse encontro se faz importante, como a história literária, o contexto de produção da obra e a vida do autor (Collot, 2012). E, diante disso, as subjetividades se inserem e são de grande importância para um olhar geográfico humanista, pois é em um contexto ao mesmo tempo histórico e geográfico que se dão as relações entre a obra artística e o lugar.

As obras literárias nos dão essa oportunidade de viajar para outros mundos e imaginar juntos, contribuindo para os nossos mundos interiores e alimentando um imaginário geográfico que é próprio de cada um de nós. Essa vivência que o livro proporciona nos aproxima de espaços e lugares que, a princípio, cabem a outras pessoas, mas que, a partir dessa experiência, tornam-se também nossos... constituindo uma geografia dos outros e também nossa (Cavalcante, 2023).

São por esses detalhes que vemos essa geografia literária mais atenta a como se escreve e se inscreve na/a terra, trazendo um olhar poético em suas formas de habitar, tal como Heidegger (2008), que nos provoca a repensar que o deixar-se habitar pela poesia é um construir, pois, em seus escritos, o filósofo explica que esse construir é o ato de habitar (Cavalcante, 2023).

Esses escritos, tão importantes em atender aos detalhes relacionados à escritura da terra, promovem um cuidado em expressar os espaços vividos, como uma comunicação que transparece o geográfico. A escrita se faz no ato de des/escrever vidas, paisagens, lugares, e aqueles que leem imergem por entre essas palavras, alimentando o seu imaginário e viajando por outros mundos. Escrita que, ao tornar-se literária, ganha em intensidade, cor, geograficidade... escrita que é re/existência (Dardel, 2011).

AS ÁGUAS QUE VAZAM...

As águas exercem sobre o homem uma atração que chega à fascinação.

Há uma palavra que encanta, uma substância que atrai.

(Eric Dardel 2011, p. 21)

A água, esse elemento primordial para que haja vida e se faça vida na terra, como nas palavras de Dardel (2011), atrai e fascina a quem se propõe a estudá-la. Em particular, as paisagens que invocam a água são parte de uma preferência inata aos seres humanos. Como a psicologia ambiental tem demonstrado em seus escritos, a afetação existente nas percepções de rios e lagos impacta nas emoções dos sujeitos que a percebem (Vallerani, 2017).

É nesses caminhos geopoéticos que as águas serão foco de tantas narrativas literárias, imbricadas e entrelaçadas à vida dos autores e suas vivências cotidianas, pois são nessas histórias que percebemos a vazão dessas águas nos lugares e nas memórias, afinal “[...] as coisas vazam” (Ingold, 2012, p. 29). E, por vazarem, em seu sentido literal e simbólico, permitem-nos vivenciar junto a eles.

Ao se utilizar de uma perspectiva geopoética, as águas e os rios abordados nas narrativas entrelaçam-se a mecanismos psicogeográficos, emergindo das realidades cotidianas do habitar na terra e da sua relação com esses corpos hídricos (Vallerani, 2017). Nas narrativas, muitos autores revelam essa conexão um tanto quanto ancestral ligada ao bem-estar e à experiência estética, que se acomodam por entre os sentidos e revela suas experiências afetivas.

A partir do momento em que ocorre uma tentativa em nosso olhar para captar a poesia existente nos lugares, abre-se uma infinidade de oportunidades para se enxergar além do que já existia, surpreendendo a simplicidade cotidiana com novos brilhos. Esse olhar geopoético oferece novos modos de descobrir aquilo que outrora parecia ínfimo, trazendo-o ao relevo. Com essa relação com o mundo cada vez mais acurada e intensa, ocorre novas formas de compor os recursos dessa geografia poética.

Esse novo campo oferecido pela perspectiva da geopoética, entrega aos caminhos da pesquisa uma relação que possibilita um pertencimento comum entre aqueles que são alcançados por essa nova forma de abordar aquilo que se estuda. Essa possibilidade se revela pela sua vasta relação com outras ciências, literatura e artes. Para uma geografia literária dos rios, o olhar geopoético sobre as narrativas nos oferece ter esse contato com os autores e suas vivências geonarradas.

Quando pensamos na água, ela pode ser elemento primeiro para muitas formas imagéticas e vivas. Por sua flexibilidade elementar, escorrega pelas mãos, banha a alma, hidrata o corpo, mata a sede no deserto, enche os rios, carrega nutrientes, encharca o solo e faz falta em outros lugares. São dessas infinitas formas de águas que os lugares também contam suas histórias.

Quando Worster (2008, p. 27) escreve: “a água possui uma natureza sempre móvel, caindo das nuvens, enchando as raízes, correndo para os córregos e mares”, são ressaltadas as diferentes manifestações em que essa água chega em nós e nos toca. No entanto, não somente pela utilidade que nos oferece, mas pela sua própria essência de existir como parte fundamental da natureza.

Por meio dessas águas que vazam e transbordam em nosso olhar, também traçamos o caminho dessas **memórias das águas...**

Do novelo emaranhado da memória, da escuridão dos
nós cegos, puxo um fio que me aparece solto.
Devagar o liberto, de medo que se desfaça entre os dedos.
É um fio longo, verde e azul, com cheiro de limos, e tem a macieza quente do lodo vivo,
É um rio.
Corre-me nas mãos, agora molhadas.
Toda a água me passa entre as palmas abertas, e de
repente não sei se as águas nascem de mim, ou para
mim fluem. (Saramago, 1985).

Os rios são entidades que têm acompanhado e moldado o mundo em suas diversas formas muito antes da presença humana, como aponta Krenak (2022). Ao percorrerem seus caminhos e atravessarem terras, carregam consigo memórias intrínsecas à sua existência. Portanto, vivem essa interação entre presença e ausência, conforme discutido por Gagnebin (2006, p. 44), onde há uma constante presença do presente que rememora um passado que já se foi, assim como a presença de um passado ausente, que irrompe em um presente efêmero.

Essa tensão existente entre as presenças e ausências promove um olhar sobre esse passado que se materializa presencialmente a partir da memória. Os rios, que são constantemente lembrados por sua participação na história, fazem parte desse tensionamento, pois vivem processos de apagamentos tanto simbolicamente quanto materialmente. Com isso, tornam-se passados desaparecidos, que se vivificam em literaturas e narrativas saudosas, com o intuito em trazer de volta algumas memórias como uma riqueza, bem como mostrando sua fragilidade ao se tornarem rastros (Gagnebin, 2006).

Entre as águas, compartilhamos a visão de Didi-Huberman (2012, p. 211) quando ele descreve o arquivo como sendo cinza, não apenas devido ao tempo que passa, mas também pelas cinzas de tudo o que o cerca. Ao discutirmos as memórias dos rios, estamos considerando como essas memórias se acumulam ao longo do tempo e são moldadas pelos diversos contextos que envolvem esses corpos d'água. Essas memórias são parte de um arquivo cinza, não apenas nas mentes das pessoas que vivenciaram essas experiências, como também das próprias águas, que absorvem e refletem os matizes dos caminhos que percorrem.

Algumas nascentes desses rios surgem de fios de água, uma gota que cai do céu e preenche, ao longo de uma trajetória, seu corpo, transformando-o em grandes dimensões. Tal como um fio de água, a memória nos aparece como fios, por vezes soltos, mas que carregam dentro de si uma longa linha de lembranças que, ao serem puxadas, nos mostram suas grandes dimensões, assim como... o rio.

Em muitas histórias, sejam elas ficcionais ou não, os rios sempre desempenham um papel central nas memórias. Um rio muda com o tempo, entretanto isso não exclui as vivências que ocorreram entre ele e aqueles que por suas margens passaram. Os rios acompanharam períodos de crescimento das grandes populações e amadureceram no tempo que lhes é próprio. Embora os rios possam parecer universais, uma vez que existem em todo o mundo, cada um carrega as particularidades das relações que se desenvolvem com os seres humanos, e essa cultura se reflete em suas águas (Chiapetti; Chiapetti, 2012).

Com essas memórias, que são parte desses vazamentos que acontecem e dessas histórias que se entrelaçam com a vida, enxergamos que **dos rios também nascem literatura**.

A geografia literária, essa bem inserida no mundo das artes, tem o poder de nos transferir de lugares em lugares e de pessoas em pessoas, com uma perspectiva poética, narrada e interessada em todas as esferas da vida humana. Assim como a literatura, os rios nascem como importantes marcadores de memórias dos lugares, perpassando terras secas e molhando com imagens as mãos daqueles que vivem em suas margens, os convidando-os a imaginar juntos.

Acredito, porém, que os rios que percorrem o imaginário do meu país cruzam territórios universais e desembocam na alma do mundo. E nas margens de todos esses rios há gente teimosamente inscrevendo na pedra os minúsculos sinais da esperança (Couto, 2011, p. 9).

Os escritos de Mia Couto nos convidam a imaginar os caminhos dos rios que percorrem seu país, Moçambique, convocando-nos, através de palavras, a mergulhar junto a ele e seu povo. Esse convite, que permanece ecoando em nossos escritos, nos influencia a imaginar caminhos nos rios das literaturas, que atravessam lugares, apresentando-nos as realidades geoliterárias dos escritores e também as nossas.

Refletir sobre as obras que capturaram as paisagens, emoções e memórias dos lugares através dos rios, como destacado por Chiapetti e Gratão (2010), nos permite apreciar profundamente “As Curvas do Rio”, de José Cândido de Carvalho Filho. Nesse relato, o autor nos conduz por uma jornada visual e imaginativa pelas paisagens do Sul da Bahia, especialmente ao longo do rio Cachoeira e das fazendas de cacau que o margeiam. Inspirado por esses cenários (paisagens), o autor compartilha suas reflexões sobre sua conexão com o local, transmitindo a vida e a atmosfera desses lugares por meio de sua escrita literária:

ficavam embevecidos com a floresta próxima, tendo a seus pés a fertilidade da terra e a sonoridade das águas do rio Cachoeira, trepidando no seu leito de pedras em declive. E, por vezes, se assustavam ao comentar sobre a hipótese de que aquele magnífico e verdejante quadro viesse um dia a desaparecer; e aquela natureza pudesse ser destruída; e as árvores e as espécies animais criadas por Deus, ali, não tivessem direito à vida. Eram dúvidas que ficavam sem resposta no silêncio da mata virgem (Carvalho Filho, 2005, p. 20-21).

Nos escritos do autor, emerge um vínculo de pertencimento fundado no afago dos pés, na delicadeza do tato, cujo contato com a realidade desencadeia sensações que ecoam um sentimento afetivo, uma “topofilia sonora”, como sugerido por Kosel (2012), ao som das águas. Oliveira (2002) nos instiga a contemplar que o espaço geográfico não se limita às suas superfícies, mas convida a uma imersão em suas qualidades e profundidades, onde um olhar sensível revela respostas reais, intuitivas e simbólicas, entrelaçando o sujeito em suas relações com o mundo.

Assim como Carvalho Filho (2005) faz em sua obra, muitos outros autores utilizam o artifício literário também para expressar preocupações e denúncias quanto ao contexto que vivenciam. O referido autor destaca em relevo que as maravilhas daquele lugar-rio, daquela terra, poderiam um dia desaparecer, levando consigo as suas memórias de uma paisagem do passado.

Já nos escritos de João Cabral de Melo Neto, em *O Cão Sem Plumagem* (1950), as palavras se entrelaçam e devolvem ao leitor um olhar do imaginário sobre o rio, desenhado pelo autor por um olhar das mudanças que esse rio carrega. De acordo com Lima (1983), “[...] esse cão sem pluma é um rio impiedoso que assalta artéria por artéria a cidade do Recife na sua parte mais baixa. Um rio que foi alegre em alguma parte agora é água madura, lodo, estagnação, sujeira” (Lima, 1983, p. 3).

Seria a água daquele rio
Fruta de alguma árvore?
Por que parecia aquela
uma água madura?
Por que sobre ela, sempre,
Como que iam pousar moscas?

Aquele rio
Saltou alegre em alguma parte?
Foi canção ou fonte
Em alguma parte?
Por que então seus olhos
vinham pintados de azul
nos mapas? (Melo Neto, 2007, p. 141).

Esse rio que sofre é o rio que carrega em si o reflexo das mudanças: “Na água, podemos ver toda a natureza refletida” (Worster, 2008, p. 29). Essa natureza da cidade de Recife, lugar e paisagem das histórias cabralinas, também reflete uma literatura que nos convoca a pensar nas nossas próprias paisagens naturais: os rios alegres de nossas infâncias e aqueles que perderam sua alegria ao longo dos caminhos que percorreram.

Quem também nos apresenta essa literatura dos rios são os escritos de Sousa Neto (1997). O autor promove uma bela recordação de três rios para três poetas: João Cabral de Melo Neto, com o seu rio

Capibaribe, Cassiano Ricardo, com o Tietê, e Thiago de Melo, com o gigante Amazonas. Para esses poetas, os rios são fôlego para as suas literaturas, e, para nós, os geógrafos, muitas vezes precisamos da ajuda dos poetas para nos revelar aquilo que não conseguimos enxergar. Como bem disse Rubem Alves (1993, p. 29), “a poesia é o esforço desesperado para dizer o que não pode ser dito”.

Para Sousa Neto (1997), o rio se faz personagem principal e companhia para os outros elementos que integram as histórias, pois emanam vivências e experiências ao longo de seu percurso. São por esses caminhos que uma geografia literária dos rios se torna possível, auxiliando-nos por imagens que temos dificuldade de captar somente pelo olhar científico, lógico e racional, pois o mundo não é só geometria; é igualmente dotado de cor, densidade, profundidade e geogracidade.

ESSES RIOS QUE NASCEM NAS NARRATIVAS

A primeira história sobre rios que desejo explorar ocorre em um lugar geograficamente distante, mas que, ao mesmo tempo, parece próximo, uma conexão que se manifesta de várias maneiras, unindo-nos através da vida e da história. Este lugar é Moçambique, e os escritos estão ligados ao renomado escritor e biólogo Mia Couto.

O autor, nascido na cidade da Beira, em Moçambique, vem de uma família que já meandrava pelos caminhos da poesia. Seu pai, que foi poeta e jornalista, o influenciou para a escrita, de início, com poesias e mais tarde, com a prosa. Nesse caminho, Mia Couto fez uma trajetória também junto à biologia, sendo formado pela Universidade de Eduardo Mondlane, em Maputo.

Mia Couto é um “escritor da terra”, assim o podemos chamar. Sua relação intrínseca entre seu lugar de origem, seus conhecimentos biológicos/ecológicos e sua paixão pela escrita poética deram ao autor uma potencialidade em se ins/escrever com um olhar que margeia em seus textos com sabor da terra. Um dos trechos que queremos explorar aqui faz parte desse conhecimento mútuo que o autor referencia, misturando o científico e o fantástico. Esse pequeno trecho é do livro **“E se Obama fosse africano?”**, especificamente do ensaio intitulado **“Rios, cobras e camisas de dormir”. O povo do rio:**

Nesse texto, refiro de passagem um povo do norte de Moçambique, os chamados achikundas, descendente de escravos, que se especializaram na travessia do rio Zambeze. Esta gente dizia de si mesma ser “o povo do rio” e, ao fazer suas juras e rezas, invocava o nome do rio. Ainda hoje há quem, naquela região, empenhe a palavra dizendo: “juro pelo rio”. E dizem “o Rio” sem que nunca lhe tivesse ocorrido dar outro nome, pois era como se nenhum outro rio houvesse no mundo (Couto, 2011, p. 52).

O autor nos convida a refletir e imaginar, usando o povo do rio como um exemplo de sua profunda conexão com o Zambeze. Ele retrata o rio não apenas como uma parte do ambiente, porém como uma entidade viva que compartilha a existência com as pessoas ao seu redor. Essa perspectiva não separa o povo da natureza, mas sim ressalta a sua interdependência e a beleza dessa convivência. Essa relação vai além do aspecto material, elevando-se ao nível de uma entidade que incorpora a identidade e as experiências do povo que o cerca.

O rio Zambeze, é reconhecido por sua difícil passagem, e seu próprio nome remete a um “Caminho de Pedras” (Spacachieri, 2011, p. 2). O que demonstra, ao longo da história de ocupação de suas margens por esses povos, que se tornou uma passagem temerosa aos que não conviviam próximos

ao local. Esse rio, demonstrando sua força, também demonstra a força dos povos que conseguiam atravessá-lo. A travessia aqui é uma forma de demonstração da relação das pessoas com o corpo do rio e seus movimentos, pois, apenas um povo que com/vive com ele é capaz de atravessar essas águas.

No livro, ao compreender essa relação, concordamos com Couto (2011) quando ele nos apresenta como um rio pode ser desenhado e lido na sua inteireza:

Acreditamos que todos sabemos o que é um rio. No entanto, essa definição é quase sempre redutora e falsa. Nenhum rio é apenas um curso de água, esgotável sob o prisma da hidrologia. Um rio é uma entidade vasta e múltipla. Compreende as margens, as áreas de inundação, as zonas de captação, a flora, a fauna, as relações ecológicas, os espíritos, as lendas, as histórias. É uma rede de entidades vivas, um assunto mais da Biologia que da Engenharia. Habitamos a olhar as coisas com engenhos, esquecemos que estamos perante um organismo que nasce, respira e vive de trocas com a vizinhança (Couto, 2011, p. 52-53).

Ao trazer o rio na perspectiva de uma entidade viva, que envolve todos aqueles que mergulham em suas águas materiais e imateriais, bem como todas as lendas e memórias que circulam no lugar, Couto nos permite entender como a relação do povo *Achikunda*, que desenvolveu sua vida e suas travessias no rio Zambeze, está tão ligada a essa entidade, a ponto de se denominar como o povo daquele rio.

Ao adotar uma perspectiva humanista em relação ao rio, o autor nos convida a considerar não apenas os aspectos físicos do curso d'água, que são frequentemente explorados em estudos e pesquisas, mas ainda a nos aprofundarmos nas dimensões imateriais e simbólicas que as águas carregam consigo. Ele nos instiga a não apenas imaginar, como também a mergulhar no vivido, nas experiências compartilhadas entre aqueles que se relacionam com o rio e nele constroem suas identidades.

Essa literatura dos rios nos permite estabelecer conexões entre rios distantes e próximos, criando uma convivência que transcende as longas distâncias geográficas e se manifesta no âmago daqueles cuja própria geografia pessoal é delineada pelas águas de diferentes rios. Essa perspectiva amplia nosso entendimento da relação entre os seres humanos e os rios, destacando não apenas a importância física das águas, mas igualmente seu papel no tecido das identidades individuais e coletivas.

AQUELE RIO... ERA COMO UM CÃO SEM PLUMAS: O RIO DE JOÃO CABRAL, TÃO CHEIO DOS OUTROS

Como já mencionado anteriormente, a literatura nos oferece a capacidade de olhar para os fenômenos geográficos de uma forma diferente, aproximando-nos de realidades que, de certa forma, refletem as nossas. Tal como um autor que tece sua realidade utilizando palavras que nos permitem também imaginar as nossas, do mesmo modo se pensa nos rios que passeiam outros territórios e que são igualmente tão cheios dos rios que atravessam nossos próprios territórios.

Nas palavras poéticas e nos escritos literários de João Cabral, descortina-se uma vastidão de vida do próprio autor, manifestada através de suas obras. Para adentrar essa imensidão que se desdobra diante de nós, iniciamos nossa jornada no lugar natal do poeta, que serve como paisagem para inúmeras histórias e memórias.

Nascido na cidade de Recife na década de 1920, o poeta viu-se imerso nas paisagens dos engenhos de seu pai durante sua infância. No entanto, esses cenários foram rapidamente desfeitos,

levando sua família a migrar para outros municípios, onde ele passaria uma parte significativa de sua juventude. Esses novos locais estavam todos entrelaçados pelo rio Capibaribe, que se tornaria uma presença fundamental em suas memórias e influenciaria profundamente suas principais obras (Marandola, 2011).

Na poética de João Cabral, a relação entre memória e espaço é profundamente explorada, pois ele percebia uma conexão intrínseca entre as paisagens e os lugares por onde passava. No entanto, ao invés de adotar uma abordagem saudosista em relação às suas experiências, ele as tratava de maneira racional e meticulosa, seguindo o estilo que caracteriza sua obra. Para Cabral, a criação artística surgia não da nostalgia, mas sim das ausências e da reflexão cuidadosa sobre o mundo ao seu redor.

Por entre esses caminhos, o rio Capibaribe, tão mencionado em suas obras, nos é apresentado de forma metafórica, algo muito comum em seus textos-poemas. A partir de uma leitura geográfica dessas obras poéticas, conseguimos ler suas paisagens, imaginar juntos os lugares por onde esse rio percorre e entender as diferentes denúncias existentes nessa relação poética-escrita-rio. Leiamos:

A cidade é passada pelo rio
como uma rua
é passada por um cachorro;
uma fruta por uma espada.

O rio ora lembrava
a língua mansa de um cão,
ora o ventre triste de um cão,
ora o outro rio de aquoso pano sujo
dos olhos de um cão.
Aquele rio
Era como um cão sem pluma.
Nada sabia de chuva azul,
da fonte cor-de-rosa,
da água do copo de água,
da água de cântaro,
dos peixes de água,
da brisa na água. (Melo Neto, 2007, p. 137).

O rio de João Cabral é um rio que carrega, ao longo de seu caminho, uma busca pela sobrevivência: das terras que são secas, das cidades que ele corta, das pessoas que esse rio banha, das curvas que é preciso fazer para lutar em busca de sua chegada. O mar, que muitas vezes parece distante, diante das incertezas em que esse caminho o impõe, é como o cão sem suas plumas; o rio per/corre muitos trechos com suas ausências.

Por esses caminhos, a água desse rio se torna pesada e densa, o que deixa esse fluxo vagaroso em seu percurso. Tal como Bachelard (2018, p. 49) escreve “Toda água viva é uma água cujo destino é entorpecer-se, tornar-se pesada”. Em muitos desses caminhos, o rio cabralino nos fala sobre suas entorpecências. É também nessa paisagem do rio que se encontra o homem-lama, que é parte fundamental dessa paisagem:

Na paisagem do rio
difícil é saber
onde começa o rio;
onde a lama
começa do rio;
onde a terra
começa da lama;
onde o homem
onde a pele
começa da lama;
onde começa o homem
naquele homem. (Melo Neto, 2007, p. 145).

Nesse movimento entre lama e homem, surge uma relação íntima entre esses dois seres que nos remota a uma herança histórica associada aos rios, onde muitas populações desenvolveram suas vidas entrelaçadas aos cursos dos rios. Muitas vezes, fazendo parte desse corpo imaginado, em que a pele se mistura à lama, e esse novo corpo já faz parte da realidade tanto do rio quanto do homem.

Esse rio, que é vivo e se vivifica na memória e na escrita, nos traz uma referência à vivacidade existente no rio de João Cabral, assim como aqueles que percorrem as nossas ruas, vivendo em meio aos nossos olhos, às vezes invisíveis, porém fluindo ao encontro de seu destino:

Mas antes de ir ao mar
o rio se detém
em mangues de água parada.
Junta-se ao rio a outros rios
numa laguna, em pântanos
onde, fria, a vida ferve.

Aquele rio
está na memória
como um cão vivo
dentro de uma sala.
Como um cão vivo
dentro de um bolso.
Como um cão vivo
debaixo dos lençóis,
debaixo da camisa,
da pele. (Melo Neto, 2007, p. 148 e 150).

Ao evocar o discurso do Capibaribe, o poeta não apenas recria as paisagens e fábulas associadas a ele, como também nos apresenta a memória viva desse rio. Do mesmo modo que um cão vivo, ele resgata lembranças de uma jornada que ecoa de forma profunda em nossa própria existência. Os rios que fluem em nossos imaginários muitas vezes refletem os próprios seres humanos, nós, que trilhamos diversos caminhos, às vezes semelhantes a um “cão sem plumas”, mas sempre cheios de vida. Como afirmado por Melo Neto (2007, p. 151), “O que vive é espesso como um cão, um homem, como aquele rio”.

O RIO JAGUARIBE DO POETA LUCIANO MAIA

O escritor e poeta Luciano Maia nos convida a mergulhar no “rio poeta” através de sua obra “Jaguaribe: memória das águas”. Nascido em Limoeiro do Norte, cidade situada às margens do rio Jaguaribe, no Ceará, ele compartilha suas vivências e memórias, oferecendo-nos um retrato íntimo desse rio. Além de ser reconhecido como poeta e prosador, Maia também atuou como tradutor e professor na Universidade de Fortaleza, inicialmente nas áreas jurídicas devido à sua formação em advocacia. Contudo, sua paixão pelos estudos linguísticos e literários logo o levou a dedicar-se inteiramente a essas áreas, resultando na produção de diversas obras. Atualmente, o autor é membro da Academia Cearense de Letras, ocupando a cadeira de número 23, em reconhecimento por sua significativa contribuição à literatura e à cultura cearense.

Partindo de sua obra, as poesias que ecoam como cantos fazem parte de uma experiência íntima que reflete o rio Jaguaribe na voz de um poeta nativo de suas águas. Através desses versos entoados, somos convidados a imaginar coletivamente esse Jaguaribe simbólico, que flui com o tempo e se transforma em um rio de e para a vida. Esses cantos não apenas retratam a paisagem física do rio, mas também capturam sua essência, suas histórias e sua influência sobre as pessoas que vivem à sua margem. Assim, a poesia se torna um meio de conexão profunda com esse rio vivo e pulsante, convidando-nos a mergulhar em suas águas, tanto literal quanto metafóricas.

Da Fonte Inaugurada

O seixo deflorou
a água que caiu
na época do cio

A fonte suspirou
o canto da torrente
cantado derrepente

Os braços da raiz
prenderam mil lençóis.
Fisgaram, como anzois

a água mais feliz
formando o brejo frio
de onde brota o rio.

Na água que correu
a pedra inaugurada
é pedra de enxurrada

Que o tempo endureceu
em denso pranto (as águas
em busca de outras mágoas (Maia, 2012, p. 27).

Para os poetas, como afirmam Chiapetti e Chiapetti (2012), essas águas são apresentadas nos poemas, surgindo em muitas formas... rios, chuvas, lagos... Esse elemento que é efêmero, também nos remete à efemeridade da vida. O poeta, em seus trechos, fala-nos através das palavras das águas, dos seixos rolando no período de cheias, da fonte que canta, da nascente que, de repente, canta feliz por essa água, formando os brejos frios que a água proporciona. Na vivência de seca, o tempo endurece... a terra, as mágoas e a água, ao descer, carrega e traz esses prantos pelo caminho.

Para esse poeta, a água e os rios, como afirma Ramos (1999), se apresentam antes de qualquer coisa uma possibilidade de renascença, uma forma de renovação através dos cantos dos rios. Esse contato, que vemos nos versos de Maia (2012), entre sua memória e vínculo íntimo com o Jaguaribe, nos é proporcionado em forma de versos:

Do Canto-Rio

Existe amor no meu canto
paixão da terra que anima
os versos de riso e pranto
no abaixo, rio acima
(águas cobertas do manto
do universo da rima)

Corpo de chuva me beija
a ver a água passar
em mim (de mim), sobre a areia
em busca de água do mar
para esquecer da tristeza
de comigo não ficar.

Por isso, a lua caminha
devagar no céu de luz
para escutar a cantiga
que consola e que conduz
sobre a flor da rima amiga
a água (versos azuis)

Nascido aqui, sou poeta
amante das longes águas.
Perco o remanso da noite
buscando o manso das margens
que o dia consola sem
conciliar minhas mágoas. (Maia, 2012, p. 37)

Nas correntezas dos rios é onde indivíduos, dotados de poesia, delineiam suas próprias geografias e narram suas vivências (Chiapetti e Chiapetti, 2012). Nessas linhas entrelaçadas, o poeta entoia um amor que ecoa como um verso, fundindo-se ao murmúrio do rio. Em uma existência às margens, simultaneamente parte e fluxo, ambos - rio e poeta - buscam o oceano, carregando consigo as mágoas que lhes são comuns. Ao longo da jornada dessas águas, a melodia, também proferida pelo poeta, os acompanha, numa tentativa mútua de reconciliação com suas dores...

Nestes encontros, somos convidados a embarcar juntos, pois, como afirmam Chiapetti e Chiapetti (2012, p. 71), “O rio é um lugar que permite viajar... um lugar em movimento”. Este constante fluxo evoca uma natureza de correntezas, possibilitando àqueles que foram tocados por suas águas a criação de fragmentos de suas próprias histórias e memórias. Seja na seca, quando a ausência da água faz o sertanejo clamar, ou nas enchentes, quando as águas trazem lágrimas aos habitantes, o rio revela sua inegável potência em suas diversas manifestações e ausências. Leiamos:

Da água alta

Vi parede de reboco
se ajoelhar no aguaceiro.
Roçado de milho alto
virar loca de piau.
Sete vacas amojadas
se afogarem no baixio.
No quintal de Joaquim Bento
se pescar curimatã.
E a pedra virou água
e a água virou mundo (Maia, 2012, p. 53).

As águas dos rios de igual modo demonstram suas potências diante do cotidiano do poeta, e esses rios, que fazem paredes se ajoelharem em suas águas, mostram sua força na enchente alta, carregando o que se pode levar, material e imaterial, imaginável e inimaginável... Esse rio, ora alto, ora baixo, é o mesmo que provoca diferentes formas de se comunicar com esses sujeitos-rios. Quando a água vira mundo, o poeta poetiza aquilo que não consegue expressar de outra maneira, buscando palavras no silêncio... das águas.

Na fluidez das águas, os poetas encontram um espelho para suas próprias jornadas interiores. Os rios, com sua constante movimentação, tornam-se imagens vivas das emoções humanas, refletindo a efemeridade da vida e a eterna busca por significado. Nas páginas de suas obras, os poetas e os escritores em geral tecem uma tapeçaria de imagens em que os rios desempenham papéis múltiplos: são testemunhas silenciosas de amores perdidos, símbolos de renovação e do fluxo incessante da existência e até mesmo protagonistas de narrativas que ecoam a melodia das águas. Portanto, a relação entre os poetas e os rios transcende o simples cenário natural; é uma conexão profunda que se desdobra em metáforas poéticas, onde a fluidez das águas encontra eco nas palavras imortais dos versos.

NO FIM... ONDE AS ÁGUAS ABRAÇAM O OCEANO

Ao iniciar, as águas nascem superficiais e, por vezes, como fios de águas, ou em fervedouros, levantando a camada fina de areia, mostram seu começo e suas potencialidades. Igualmente, ao iniciar este texto, tivemos inspiração em entrelaçar as imagens das águas e das escritas, ora mais lentas contando sobre os contextos, ora mais rápidas ao descrever as águas e os textos poéticos.

Nessas imagens das águas, caminhamos por um olhar geopoético que nos permite enxergar esses rios por outras lentes, assim como Gratão (2007) nos propõe a pensar: esse rio, na possibilidade em ser apreendido pelo olhar, proporciona sensações, tanto pelo visível quanto pelo que não visível.

Nesses movimentos, buscamos entender essa dimensão através de uma geografia literária dos rios, mergulhando em palavras que nos transferissem para a experiência das águas.

Iniciamos a experiência em águas africanas, fluindo e conhecendo junto ao povo do rio Zambeze. Fluímos com ele até chegarmos às águas cabralinas, já em territórios brasileiros, explorando o Capibaribe em suas nuances e metáforas de rios. E seguimos o caminho até chegar ao rio-poeta Jaguaribe, reconhecendo suas águas através das poesias. Esse movimento, que se inicia em outros territórios, em outros livros, nos convida a conhecer um pouco dessa literatura tão vasta e cheia de possibilidades.

Aquilo que colocamos aqui como uma viagem entre esses três rios se abre como um convite para pesquisar os rios que percorrem outros territórios e que deságuam no coração daqueles que se abrem para essas possibilidades. Assim, podendo enxergar novas formas desses rios entrarem nessas geografias, na literatura, na existência...

Por fim, aventurar-se a conhecer outras águas, em outras literaturas, é se libertar de amarras e fluir no pensamento à semelhança dos rios, e por esses percursos, conhecer aqueles que também se aventuraram nessas viagens do conhecimento com poesia e belezas. E quando, finalmente, essa jornada chegar ao seu destino, que possamos como um rio... abraçar o mar.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Rubem. **O poeta, o guerreiro, o profeta**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1993.
- BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria**. 3. ed. São Paulo: Wmf Martins Fontes, 2018. 202 p.
- CARVALHO FILHO, José Candido de. **As curvas do rio**. Itabuna, BA: Via Litterarum, 2005. 119 p.
- CAVALCANTE, Tiago Vieira. A Geografia literária entre a poética e a política. In: MARANDOLA JR, Eduardo; HOLZER, Werther; BATISTA, Gustavo Silvano (org.). **Portais da Terra: contribuições dos estudos humanistas para geografia contemporânea 1**. Teresina: EDUFPI, 2023. p. 1-551.
- CAVALCANTE, Tiago Vieira. **Geografia Literária em Rachel de Queiroz**. Fortaleza: Edições Ufc, 2019. 219 p.
- CHIAPETTI, R. J. N.; CHIAPETTI, J. A água e os rios: imagens e imaginário da natureza / The water and the rivers: images and imaginary of nature. **Geograficidade**, v. 1, n. 1, p. 67-86, 14 jan. 2012.
- CHIAPETTI, Rita Jaqueline Nogueira; GRATÃO, Lúcia Helena Batista. A poética n'as curvas do rio: a imaginação geográfica do rio cachoeira. **Geografia**, Rio Claro, v. 35, n. 2, p. 275-289, 2010.
- COLLOT, Michel. Rumo a uma geografia literária. **Gragoatá**, Niterói, n. 33, p. 17-31, sem. 2012.
- COUTO, Mia. **E se Obama fosse africano?** e outras intervenções. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. 202 p.
- DARDEL, Eric. **O homem e a Terra: natureza da realidade geográfica**. Trad. Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- DIDI-HUBERMAN, George. Quando as imagens tocam o real. **Pós: Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes da EBA/UFMG**, [S. l.], p. 206-219, 2012.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar escrever esquecer**. São Paulo: 34 Ltda, 2006. 224 p.
- GRATÃO, L. H. B. (À) Luz da imaginação! "O Rio" se revela na voz dos personagens do lugar-ARAGUAIA! **Caderno de Geografia**, Belo Horizonte, v. 17, n. 28, p. 89-120, jan./jun. 2007.
- HEIDEGGER, Martin. **Ensaio e conferências**. 5 ed. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora

Universitária São Francisco, 2008.

INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, n. 37, p. 25-44, 2012.

KOZEL, Salette. Geopoética das paisagens: olhar, sentir e ouvir a “natureza”. **Cadernos de Geografia**, Belo Horizonte, v. 22, n. 37, p. 65-78, 2012.

KRENAK, A. **Futuro ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022

LIMA, B. A. Metáfora da água em João Cabral. **Revista de Letras**, Fortaleza, n. 6, jan./dez. 1983.

MAIA, Luciano. **Jaguaribe: memória das águas**. 10. ed. Fortaleza: Armazém da Cultura, 2012. 92 p.

MELO NETO, João Cabral de. **O cão sem plumas**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2007. 200 p.

OLIVEIRA, Livia. Sertão rosiano: percepção, cognição e afetividade geográfica. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 5, n. 10, p. 234-242, 1º sem. 2002.

RAMOS, C. de M. de A. Thiago de Mello: um rio de água-vida. **Terra das águas: revista de estudos amazônicos**, Brasília, DF, v. 1, n. 2, p. 137-149, jul./dez. 1999.

SARAMAGO, José. **Protopoema**. 1985. Acessado em Jornal de Poesias. Disponível em: <http://www.jornaldepoesia.jor.br/1saramago1.html>. Acesso em: 02 nov. 2023.

SOUSANETO, M. F. de. Três rios. Três regiões. Três poetas. **GEOUSP**, São Paulo, n.1, p. 57-64, 1997.

SPACACHIERI, M. Os achicunda da África oriental portuguesa: escravos- guerreiros a serviço da administração colonial e dos senhores dos prazos da coroa, entrelaçados e imprescindíveis à existência da sociedade mozungu. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 2011, São Paulo. **Anais [...]** São Paulo: Universidade de São Paulo, 2011.

TUAN, Yi-fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Trad. Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2012. 342 p.

VALLERANI, Francesco. Viagem emocional e agir geopoético: as memórias da água, da prática individual a novos imaginários urbanos. **Movimentos Sociais e Dinâmicas Espaciais**, Recife, v. 6, n. 1, p. 58-69, 2017. Tradução do Italiano ao Português por Emiliano de Brito Rossi.

WORSTER, Donald. Pensando como um rio. In: ARRUMA, Gilmar (org.). **A natureza dos rios: história, memória e territórios**. Curitiba: UFPR, 2008. p. 7-227.